

Instituto de

Estudos

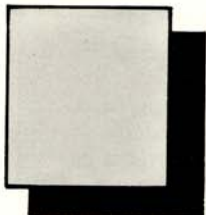
Avançados



Instituto de

Estudos

Avançados



O mais jovem Instituto da USP

Em fevereiro de 1986, no início de sua gestão, o reitor José Goldemberg começou a definir junto à comunidade acadêmica da USP as condições necessárias para a implantação do Instituto de Estudos Avançados. Para tanto, foram convidados os integrantes do primeiro Grupo de Estudos encarregado de refletir sobre o que poderia ser esta nova Unidade acadêmica. Os professores convidados foram Alberto Carvalho da Silva, Alberto Luiz da Rocha Barros, Roberto Leal Lobo e Silva Filho e Carlos Guilherme Mota.

No decorrer do primeiro semestre de 1986, o Grupo desenvolveu consultas à comunidade, análises de propostas anteriores e realizou levantamentos históricos sobre outros institutos similares existentes internacionalmente. Com a saída do prof. Roberto Lobo, que assumiu a Vice-Reitoria da USP, o Grupo passou a contar com o nome do prof. Gerhard Malnic e, em 23 de julho, através de portaria, ocorreu a nomeação formal dos integrantes, sob a coordenação do prof. Carlos Guilherme Mota. Em agosto, sintetizando os trabalhos empreendidos pelo Grupo de Estudos, foi apresentado à comunidade acadêmica um documento de trabalho, que se constitui no norteador da filosofia geral que preside o Instituto de Estudos Avançados da USP.

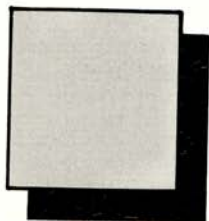
Após várias atividades iniciais, que foram definindo os mecanismos de funcionamento do Instituto, o IEA foi oficialmente criado em 29 de outubro de 1986, através da Resolução nº 3.269. Seu Conselho Diretor é atualmente composto dos seguintes professores: Carlos Guilherme Mota (diretor), Gerhard Malnic (vice-diretor), Alfredo Bosi, Herch Moyses Nussenzveig, José Galizia Tundisi e Paul Israel Singer.

Estatutariamente, competem ao Instituto de Estudos Avançados da USP as seguintes atribuições:

- I — Realizar trabalhos de pesquisa e atividades pertinentes a questões fundamentais do pensamento científico e da cultura em

geral, privilegiando a interdisciplinaridade, visando ao aprimoramento e à atualização da docência e da pesquisa.

- II – Promover conferências, colóquios, programas, seminários e atividades análogas, buscando colaborar com as unidades e demais órgãos da Universidade, visando incentivar a integração entre pesquisadores e docentes da USP e de outras universidades, outros centros de cultura e intelectuais do País e do Exterior.
 - III – Estimular pesquisas e atividades que intensifiquem contatos dos pesquisadores, docentes e alunos da USP com as correntes intelectuais mais significativas de nosso tempo, do País e do Exterior.
 - IV – Incentivar estudos sobre políticas de desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da cultura em geral, bem como sobre o uso social do conhecimento, tendo em conta a melhor articulação entre a Universidade e a sociedade.
 - V – Oferecer estágios, por período determinado, a docentes e pesquisadores da USP e outros intelectuais do Brasil e do Exterior, para a realização de atividades que resultem em obra original.
 - VI – Favorecer novas idéias, resultantes do convívio, do confronto e da interação entre as diversas áreas de trabalho intelectual.
- § 1º – O IEA procurará abranger todas as disciplinas do conhecimento, inclusive as que não constem dos atuais currículos da USP.
- § 2º – O IEA buscará obter o equilíbrio entre especialistas das Ciências e das Humanidades em geral.



Proposta de trabalho*

Por que um Instituto de Estudos Avançados na USP?

Fundamentos

A Universidade de São Paulo, criada em 1934, encontra-se numa situação desafiadora: como conseguir, com sua experiência de mais de meio século de vida, criar um fórum central onde seus membros possam intercambiar idéias entre si, convidando colegas a atravessar as fronteiras de suas especialidades e a interagir com cientistas, pensadores, artistas e escritores de projeção nacional e internacional?

A USP constitui o maior centro de ensino e pesquisa do País. É a grande responsável pela produção científico-cultural da rede universitária nacional. Aglutinando faculdades criadas no século passado, como a Faculdade de Direito (1827) e a Escola Politécnica (1894), os fundadores da USP beneficiaram-se da experiência de institutos, comissões e escolas que antecederam sua fundação, como a Comissão Geográfica e Geológica (criada em 1886, com Orville Derby), a Sociedade de Medicina e Cirurgia, a Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia (esta, com projeto de escola superior de Bráulio Gomes), a Faculdade de Medicina (de 1913, que adquiriu impulso a partir de 1931, transformando-se num poderoso complexo médico-hospitalar), e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (1934, inspirado no modelo do Massachusetts Institute of Technology).

Nos horizontes da vida científica de então, contavam também as experiências do Instituto Bacteriológico (1893), do Instituto Soroterápico (embrião do Butantã, 1889), do Instituto Agrônomo de Campinas (1887-1892), do Instituto Biológico (1924) e, desde 1891, do

(*) **Texto elaborado pelo Grupo de Estudos encarregado de definir as condições de implantação do IEA-USP, no decorrer do primeiro semestre de 1986.**

Museu Paulista, que desenvolvia pesquisas e bibliografia nos campos da História, da Zoologia e da Etnografia. A partir de 1933, a Escola de Sociologia e Política recrutou uma série de intelectuais nacionais e estrangeiros, ampliando o campo das pesquisas e da reflexão teórica em Ciências Sociais no Brasil.

Nessas instituições, gestava-se o moderno espírito científico, aberto às pesquisas e reflexões de vanguarda que ganhariam uma nova dimensão com a fundação da USP, em 1934, cujo *núcleo central* deveria ser a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, segundo a concepção de seus criadores Julio de Mesquita Filho, Paulo Duarte, Armando de Salles Oliveira e Fernando Azevedo. A função precípua dessa faculdade, nuclear no organograma da Universidade, seria a de estimular a *ciência fundamental*, numa criativa perspectiva humanista, liberal, interdisciplinar e – vale ressaltar – internacionalista.

Para a nova universidade, importava formar quadros novos, *uma nova elite* para atualização do País, recrutando talentos onde eles se achassem, por vezes até fora das famílias das oligarquias locais. E, no Exterior, souberam os fundadores da USP detectar para os novos quadros universitários jovens ainda pouco conhecidos, como o físico Gleb Wathagin, o antropólogo Lévy-Strauss, o historiador Fernand Braudel ou o poeta Ungaretti. A qualidade era o que importava.

Após 50 anos, a USP, situada numa problemática cidade-limite como São Paulo, tendo vivido conjunturas nacionais difíceis e as vicissitudes de um organismo complexo e hiperburocratizado, vê-se na continência de retomar alguns pontos de sua própria história. Hoje, como reerguer a USP sem *repensá-la*?

Os acadêmicos uspianos mobilizam-se para repensar a instituição em suas múltiplas funções de pesquisa, de ensino,



de formadora de profissionais para a nova sociedade civil. Além de, naturalmente, aprimorar os mecanismos de renovação de seus próprios quadros.

Com efeito, na perspectiva da atual Reitoria, a tarefa prioritária é estimular a criação de novos mecanismos de promoção da ciência e dos cientistas, das artes e dos artistas e, em última análise, da própria sociedade que se quer reconhecer nessa instituição eminentemente *pública*. Propõe-se o aprofundamento da crítica que romperá com o burocratismo instalado, nos últimos anos, na maior universidade do País. Burocratismo generalizado que temporariamente a retirou da cena político-cultural nacional.

Para tanto, quando se propõe a criação de um IEA, que pressupõe a participação de intelectuais de *máximo nível*, não se deve apenas observar o caminho trilhado por outros institutos congêneres. Como o Institute for Advanced Study, de Princeton, fundado em 1930, cujo trabalho concentrado em alguns campos do saber é notável, inclusive tendo abrigado, em seus quadros, um cientista do porte de Albert Einstein. Impõe-se também – como propõe o Instituto de Estudos Avançados de Berlim (1981) – fazer notar à comunidade universitária nacional a importância em se promover a discussão científica, apoiada pela crítica cultural, para além das *limitações das disciplinas, das nações e das gerações*. No caso da USP, vale enfatizar o exemplo desse modelo, indicando que a colaboração interdisciplinar deve ultrapassar a vida cotidiana estanque de algumas escolas que se isolaram do conjunto. E diminuir as barreiras que por vezes os títulos criaram, ao invés de estimularem o convívio acadêmico aberto, crítico e democrático.

Espera-se que o IEA, em formação, saiba incorporar as características da própria história da Universidade em que surge ele, bem como as da cidade e do País em que se situa, ultrapassar suas limitações e vencer seus desafios.

Retomar a discussão dos grandes temas de nossa época, das pesquisas e do conhecimento de vanguarda, da interdisciplinaridade, da possibilidade de avaliação das produções setoriais significativas e inovadoras e do *sentido* da própria atividade universitária não é, entretanto, tarefa que deva ser pensada isoladamente por um grupo de iluminados. Trata-se, antes, de um convite à reflexão sobre nosso tempo, e sobre os possíveis novos significados da vida intelectual no fim do século XX, num país desafiador como é o Brasil.

Nesse sentido, são oportunas as advertências de um professor desta universidade que, recentemente, lembrava

estarem as universidades do Terceiro Mundo “*incluindo em seu projeto básico a gigantesca missão de contribuir para romper as malditas amarras do subdesenvolvimento. Somente elas – muito antes do que a Igreja e, agora, somando forças com a Igreja e outras instituições – têm capacidade para redirecionar a atenção da sociedade e dos Governos para com os humildes e desprotegidos (. . .) Caberá à Universidade recuperada a grande tarefa de ser a consciência crítica da Nação Brasileira*” (AB’SÁBER, 1984)¹.

Em síntese, com a criação do IEA, a atual Reitoria da USP pretende responder a um dos antigos anseios do corpo acadêmico e oferecer um instrumento a mais para que a instituição se reencontre com sua própria História. Estimula-se assim, um processo endógeno, porém internacionalista, de reflexão crítica. Advirta-se, desde logo, que o *modelo adotado* – e que deverá ser aprimorado a partir das sugestões do corpo acadêmico uspiano – exclui radicalmente o perigo de se transformar o IEA numa universidade dentro da Universidade.

O objetivo não é esvaziar as faculdades e os departamentos de suas substâncias; ao contrário. Diversamente de modelos como o *Colégio de México*, o *Collège de France* ou a *École Pratique des Hautes Études*, (externos à Universidade), o *modelo uspiano de Instituto de Estudos Avançados* caracteriza-se pela ativação de um espaço de reflexão onde se cultivem os estudos avançados conduzidos por mestres de excelência nacional e internacional, no interior da instituição.

A Natureza do IEA-USP: sua vocação

Considerações prévias

O Grupo de Estudos instaurador do IEA, designado pelo Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, prof. José Goldemberg, entendeu não caber a si definir desde logo a *vocação* desse centro de reflexão que ora se cria na USP. Cabe ao Grupo de Estudos, antes de tudo, sistematizar algumas observações *preliminares*, resultantes de inúmeros colóquios e sondagens efetuados junto a colegas representativos das diversas áreas e correntes do conhecimento, bem como resultantes da análise da estrutura e funcionamento de organismos congêneres, como o *Institute for Advanced Study*, de Princeton, o *Wissenschaftskolleg zu Berlin*, o *Colégio de México*, o *Collège de France*, a *École Pratique des Hautes Études*, além do *National Humanities Center*, da Carolina do Norte, do *Humanities Center* da Universidade

de Stanford e o *Woodrow Wilson Center*, de Washington. Ou, ainda, de sugestões que derivaram de consultas a personalidades como o antropólogo-sociólogo Henri Favre do CNRS (França), o jurista, historiador e cientista político Raymundo Faoro (Rio de Janeiro, convidado pela atual Reitoria a participar das atividades iniciais do IEA) e o crítico e escritor Antônio Cândido (Professor Emérito da FFLCH-USP), entre outros.

O importante é ressaltar, também, que a proposta de criação de um IEA vem sendo historicamente defendida pela Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo-Adusp. Neste âmbito, a idéia surgiu em 1979, quando da anistia dos professores aposentados pelos Atos Institucionais. Entre eles, estavam vários cientistas e intelectuais de renome que, distanciados da Universidade devido às transformações por ela sofrida durante seu afastamento compulsório, poderiam ser abrigados mais adequadamente no Instituto.

A idéia não teve seqüência, e somente durante a gestão do prof. José Jeremias de Oliveira Filho (FFLCH) criou-se uma comissão de estudos, composta pelos professores: Gerhard Malnic (ICB), Alberto Luiz da Rocha Barros (IF), Mário Schenberg (IF), Crodowaldo Pavan (IB), Alexandre Martins Rodrigues (IME), Newton da Costa (IME), e Alberto Carvalho da Silva (ICB). No decorrer do II Congresso da USP, a idéia foi enfaticamente apresentada e aprovada (cf. o jornal da *Adusp*, São Paulo, nº 9, nov. 1984, p. 16).

Portanto, o Grupo de Trabalho está procurando, agora, oferecer um lineamento inicial, elaborado a partir de uma série de considerações preliminares que nortearão as primeiras atividades do IEA, com vistas à sua definição e implantação.

Desnecessário afirmar que o aperfeiçoamento da estrutura e do funcionamento do Instituto de Estudos Avançados dar-se-á a partir das experiências, das críticas e das sugestões do corpo acadêmico da USP, que poderão ser encaminhadas à Reitoria, ou ao Grupo de Estudos-GE, pessoalmente ou por escrito.

Premissas

Nessa medida, o Grupo de Estudos-GE, considerando que:

- a) Urge ampliar as oportunidades de intercâmbio de idéias do corpo acadêmico da USP entre si, apresentando os resultados desse intercâmbio a um público que não se limita ao meio acadêmico.

- b) A investigação de ponta implica em especialização cada vez maior, e o pesquisador perde freqüentemente contato intelectual com seus colegas de disciplinas vizinhas e até mesmo com seus colegas de sua própria especialidade.
- c) Os pesquisadores sentem necessidade de se distanciarem de suas atividades normais de vez em quando, para pensarem suas eventuais *descobertas* à luz do avanço de outras disciplinas, e de examiná-las num campo de conhecimento cada vez maior.
- d) Os pesquisadores sentem necessidade de divulgar os resultados de suas investigações (de *ponta*, a se verificar) através de documentos mimeografados ou xerocopiados e de circulação rápida, porém restrita, em colóquios e simpósios igualmente restritos e de caráter *provisório* e *especulativo*.
- e) Os pesquisadores devem ter a oportunidade de, ao menos três ou quatro vezes em sua vida profissional, apresentar uma síntese de seus conhecimentos numa obra escrita, dentro de uma perspectiva mais ampla e humanista que, sem ser uma obra de vulgarização, alcance um público mais amplo.
- f) O encontro de pesquisadores de disciplinas diferentes num meio intelectual propício poderá favorecer uma verdadeira interdisciplinaridade; além disso, num país onde muitos intelectuais de envergadura não possuem títulos universitários, objetiva-se uma forma de integração entre o corpo acadêmico da USP e produtores de cultura de outros tipos de formação.
- g) A verdadeira interdisciplinaridade – tal como a concebemos – não deve conduzir ao confucionismo metodológico; essa interdisciplinaridade situa-se, antes, no nível da confrontação epistemológica.
- h) No campo das Humanidades, ou das *Ciências da Cultura*, o problema da interdisciplinaridade se apresenta de modo altamente complexo, envolvendo questões de ordem teórica, política e até estética, que não são passíveis de equacionamentos simplificadores, demandando análises que abrangem campos tão diversos como o da Linguagem, da Psicanálise, da Arte, da Filosofia e da própria História.

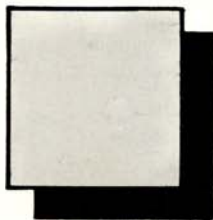
- i) A USP já atingiu, em várias frentes de pesquisa, um grau de maturidade que solicita uma interlocução mais aguda dessas frentes com outros ramos do saber contemporâneo.

Propõe que:

Objetivos Gerais

A Reitoria promova a criação de um Instituto de Estudos Avançados, que pode ser definido, preliminarmente:

- 1) Pela sua atenção aos temas, problemas e investigações "*de ponta*" do pensamento contemporâneo, com vistas ao aprimoramento e à atualização do corpo acadêmico desta universidade, intensificando os contatos deste com as correntes intelectuais mais significativas e críticas de nosso tempo.
- 2) Pelo seu caráter interdisciplinar.
- 3) Pela sua preocupação com as políticas de desenvolvimento científico, tecnológico e cultural e, em seu âmbito, serão realizados estudos sobre o uso social do conhecimento, visando uma melhor articulação entre a Universidade e a sociedade.
- 4) Pela sua preocupação básica em promover a colaboração entre os pesquisadores de países diversos e o corpo docente da USP, e entre estas e personalidades da vida cultural, nacional e mundial.



Sumário de atividades

Estruturalmente, o Instituto de Estudos Avançados possui alguns mecanismos de funcionamento que foram testados no decorrer de suas atividades iniciais. Ele procura expressar-se como fórum de debates e reflexões no plano de eventos, a partir de conferências mensais, encontros, simpósios e colóquios periódicos de maior duração e mais amplos, e seminários e cafés acadêmicos internos, de participação mais circunscrita, praticamente cotidianos. Com características de maior participação endógena, existem os Grupos de Estudos Interdisciplinares, integrados basicamente por pesquisadores da USP que atuam, tanto no sentido de abordagem de temas em larga duração, como com a perspectiva de média ou curta permanência, intervindo em problemáticas mais conjunturais. Cumpre-se aqui uma das principais funções do IEA, a de *estimular* a discussão e o aprofundamento da compreensão de temas relevantes da contemporaneidade científica e cultural do País, no interior da USP. Finalmente, o Instituto possui, como peça basilar de sua existência, diferentes programas de Professores-Visitantes nacionais e internacionais.

No decorrer de 1987, o Conselho Diretor debateu a necessidade de se adensar determinados temas e problemas do conhecimento, aglutinando-os em áreas de concentração que serão priorizadas pelo IEA. Tais áreas são: *Biologia Molecular, Ciências Ambientais, Economia e Política, e História das Mentalidades*. Elas constituem ênfases iniciais na política geral do Instituto, mas não excluem, cabe advertir, outras iniciativas conjunturais.

Em síntese, as principais atividades desenvolvidas até agora pelo IEA foram as seguintes:

1986

(agosto – dezembro)

Conferências do Mês:

Agosto, 25

Jurista RAYMUNDO FAORO

“Existe um Pensamento Político Brasileiro?”

Apresentação: Prof. Antônio Cândido de Melo e Souza
(Professor Emérito da FFLCH)

Abertura dos trabalhos do IEA: Reitor José Goldemberg



Raymundo
Faoro

Setembro, 29

Prof. FLORESTAN FERNANDES
"Limites da Revolução Burguesa no Brasil"
Apresentação: Prof. Octavio Ianni (PUC-SP)

Outubro, 15

Prof. JEAN LOUIS KOSZUL (CNRS-França)
"A Gênese do Grupo Bourbaki"
Apresentação: Prof. Alexandre Martins Rodrigues (IME)

Novembro, 10

Prof. JOSÉ GOLDEMBERG (Reitor da USP)
"Uma Nova Estratégia Energética para o Brasil"
Apresentação: Prof. Jacques Marcovitch (FEA)

Dezembro, 11

Prof. ANTONIO GONZALEZ DE LEÓN
(Embaixador do México no Brasil – titular da Unam)
"Para uma Nova Diplomacia na América Latina"
Apresentação: Prof. Carlos Guilherme Mota (FFLCH –
diretor do IEA)



Conferência do
Embaixador do
México Antonio
Gonzalez de
León: "Para uma
nova diplomacia
na América
Latina"
Biblioteca do CO -
11/12/86.

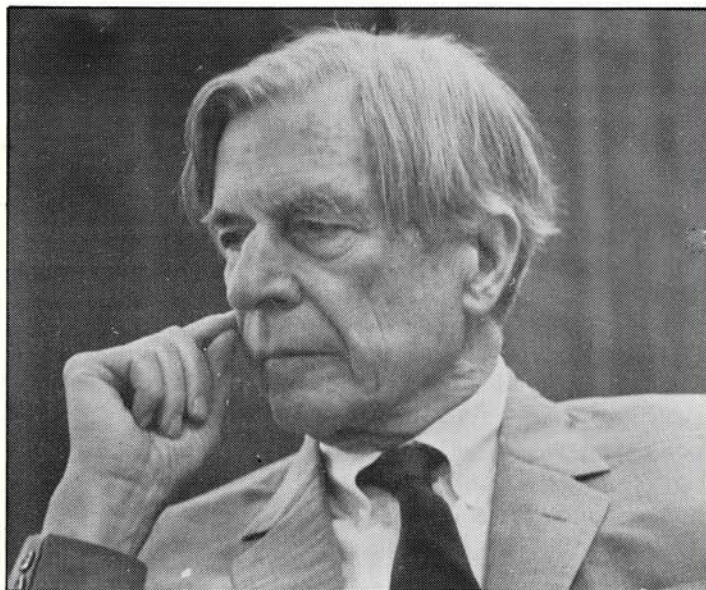
Conferências:

Novembro, 7

Prof. MANUEL RAMÓN MORENO FRAGINALS (Cuba)
“História e a Problemática das Identidades Culturais”
Apresentação: Prof. Fernando Novais (FFLCH)

Novembro, 27

Prof. JOHN KENNETH GALBRAITH
“Controle de Armamentos e Poder Militar”
Apresentação: Reitor José Goldemberg



John Kenneth
Galbraith
Conferencista do
IEA em
novembro de
1986.

Professores-Visitantes:

- RAYMUNDO FAORO (Jurista, historiador e cientista político)
período: agosto a dezembro
- MANUEL RAMÓN MORENO FRAGINALS
(Historiador, especialista em História Econômica – investigador – titular da Academia de Ciências de Cuba e Professor Emérito da Universidade da Califórnia-Berkeley)
período: novembro

1987

(janeiro a dezembro)

Áreas de Concentração:

BIOLOGIA MOLECULAR

Coordenação: Prof. Gerhard Malnic (ICB – vice-diretor do IEA)

ECONOMIA E POLÍTICA

Coordenação: Prof. Paul Singer (FEA – membro do Conselho
Diretor do IEA)

CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Coordenação: Prof. José Galizia Tundisi (Faculdade de
Engenharia de São Carlos/USP – membro do Conselho
Diretor do IEA)

HISTÓRIA DAS MENTALIDADES

Coordenação: Prof. Carlos Guilherme Mota (FFLCH – diretor
do IEA)

Grupos de Estudos:

POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Coordenador: Prof. Erney Camargo (ICB)

LÓGICA E TEORIA DA CIÊNCIA

Coordenador: Prof. Newton da Costa (FFLCH)

BIOTECNOLOGIA

Coordenador: Prof. Hernán Chaimovich (IQ)

O PSÍQUICO NOS TERRITÓRIOS DO SOCIAL

Coordenador: Prof. Norberto Abreu e Silva Neto (Instituto de
Psicologia)

Orientador: Prof. Bento Prado Júnior (Universidade Federal
de São Carlos)

Grupos de Trabalho:

A CONSTITUINTE E O ENSINO PÚBLICO NO BRASIL

Coordenador: Prof. Alfredo Bosi (FFLCH – membro do
Conselho Diretor do IEA)

MUSEUS E COLEÇÕES DA USP

Coordenadora: Prof^a Ana Mae Barbosa (ECA – diretora do
Museu de Arte Contemporânea)

Professores-Visitantes:

- AGUSTÍN CUEVA (Sociólogo e cientista político equatoriano – titular da Universidad Nacional Autónoma de México)
período: maio e junho
- Prof. RICHARD M. MORSE (Historiador das idéias e da urbanização – diretor do Programa de América Latina do Woodrow Wilson International Center, Washington, DC)
período: junho e julho
- Prof. RUY GALVÃO DE ANDRADA COELHO (Sociólogo e antropólogo, ex-diretor da FFLCH–USP – professor da Universidade de Coimbra, Portugal)
período: julho e agosto
- SILVIANO SANTIAGO (Escritor, professor de Teoria Literária e Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
período: agosto a outubro
- ALFREDO MARGARIDO (Historiador e ensaísta, especialista em História da África – professor da Sorbonne, Paris)
período: agosto e setembro
- MARC FERRO (Historiador da cultura e da política contemporâneas – diretor da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris)
período: agosto e setembro
- JOSÉ PAULO PAES (Tradutor, editor, ensaísta e crítico literário)
período: agosto a outubro
- HANS JOACHIM KOELLREUTTER (Musicólogo, compositor e professor)
período: setembro de 1987 a julho de 1988
- ATSUYUKI SUZUKI (Engenheiro eletrônico, matemático, especialista em inteligência artificial – titular da Universidade de Shizuoka, Japão)
período: novembro de 1987 a janeiro de 1988
- JOSEPH PEREZ (Historiador das mentalidades, especialista na História da Península Ibérica, diretor da Mayson des Pays Ibériques, Bordeaux, França)
período: novembro e dezembro

Conferências do Mês:

Março, 30

Prof. WILLIAM SAAD HOSSNE (Unesp)
“Experimentação com Seres Humanos: problemas e fronteiras”
Apresentador: Prof. Alberto Carvalho da Silva
(Presidente da Fapesp)

Abril, 29

Prof. JOÃO SAYAD (FEA)
“Brasil: uma economia do Terceiro Mundo?”
Apresentador: Jacques Marcovitch (FEA)

Junho, 26

Prof. HANS JOACHIM KOELLREUTTER
“Fundamentos de uma Estética Relativista do Impreciso e Paradoxal”
Apresentador: Maestro Olivier Toni

Agosto, 6

Prof. BERNARD FELD (MIT)
“História da Energia Nuclear, Corrida Armamentista e a Responsabilidade Social do Cientista”
Apresentador: Prof. Ivan Cunha Nascimento
(Diretor do Instituto de Física)

Outubro, 22

Prof. JOSÉ GALIZIA TUNDISI
“Ecologia e Desenvolvimento: uma análise e perspectiva”
Apresentador: Prof. Aziz Ab’Sáber (Professor Emérito da FFLCH)

Novembro, 18

Prof. LEOPOLDO DE MEIS (UFRJ)
“Energia em Sistemas Biológicos”
Apresentador: Prof. Walter Colli (Diretor do Instituto de Química)

Dezembro, 2

Prof. JACOB GORENDER
“Coerção e Consenso na Política”
Apresentador: Prof. Paul Singer

Eventos de grande participação:

- JORNADA DA ÁFRICA
11 de março
Amplio encontro entre literatos e professores africanos, representantes dos países de língua portuguesa, com intelectuais brasileiros, da USP e de outros centros universitários. Durante todo o dia foram debatidos, em mesas-redondas, temas como “Brasil e África: tradição e ruptura nas literaturas em português”; “A Geopolítica do Hemisfério Sul”; e “Relações Sócio-Culturais Brasil-África”. Entre os participantes africanos estiveram presentes os angolanos Antônio Cardoso, Manuel Rui e David Mestre, os moçambicanos Mia Couto, Albino Magaia e Ungulani Ba Ka Khosa, e o representante de Cabo Verde e embaixador de seu país em Angola, Corsino Fortes.

- Simpósio: Interpretações Contemporâneas da América Latina
24 e 25 de junho
Quatro sessões, organizadas em mesas-redondas com um expositor e debatedores, onde foram discutidos os temas: “As Perspectivas de Consolidação Democrática na América do Sul”; “A Transição Democrática na América Latina”; “A Questão Nacional na América Latina: reinterpretações”; e “Para uma História da Cultura na América Latina”. Foram expositores os profs. Guillermo O'Donnell, Agustín Cueva, Octavio Ianni e Richard Morse.

Simpósio
“Interpretações
Contemporâneas
da América Latina”,
promovido em
junho de 1987.
Da esquerda para
direita, os
professores Jorge
Schwartz,
Enrique Amayo
Zevallos, Richard
Morse
(Conferencista),
Carlos Guilherme
Mota e Alfredo Bosi.



Programa

terça-13 – 14h30 “A USP E A QUESTÃO NACIONAL”

Prof. Francisco Weffort (FFLCH)
Prof. Isaías Raw (Instituto Butantã)
Prof. José Goldemberg (Reitor da USP)
Senador Severo Gomes
Coordenador: Prof. Carlos Guilherme Mota (IEA)

quarta-14 – 14h30 “USP: POR NOVAS CONDIÇÕES
DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO”

Prof. Décio de Zagottis (EP)
Prof. Fernando Reinach (IQ)
Prof. Nestor Goulart Reis Filho (FAU)
Prof. Ricardo Brentani (FM e Instituto Ludwig)
Coordenadora: Prof^ª Maria Victoria Benevides (FE)

quinta-15 – 14h30 “USP: RUMOS, NECESSIDADES E
LIMITES DA REFORMA”

Prof. Dalmo de Abreu Dallari (FD)
Prof. Francisco Miraglia (IME e Adusp)
Prof. Roberto Leal Lobo e Silva Filho (Vice-reitor da USP)
Prof. Walter Colli (IQ)
Membro do Corpo Discente da USP
Coordenador: Prof. Gerhard Malnic (ICB e IEA)

Com participação mais circunscrita, praticamente cotidianos, foram realizados vários colóquios, seminários e cafês acadêmicos, que contaram com a presença de pensadores, cientistas e especialistas como Arturo Azuela (Diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da Unam e presidente da Confederação de Escritores Ibero-Americanos), Maximilien Larouche (da Universidade de Laval, no Québec), Aniel Avella (Universidade de Roma), Daniel Pécaut (Escola de Altos Estudos, Paris), Bernard Feld (Massachussetts Institute of Technology), Hans Ulrich Humpert (Escola de Música de Colônia, Alemanha Federal), John Hope Franklin (Yale, EUA), Michel Vovelle (Sorbonne, diretor do Instituto de História da Revolução Francesa), Zoltan Rozsa (diretor do departamento de Línguas e Literatura Portuguesa da Universidade de Budapeste), Henry Langer (Universidade Humboldt, de Berlim Oriental), Samuel McCann (Universidade do Texas), Huang Zhiliang (cientista social, côsul-geral da República Popular da China em São Paulo), e muitos outros.
